

Entre línguas (2009)

Documentário sobre Línguas e Fronteiras¹

Marcos Bagno²

Onde termina uma língua e começa outra? A resposta para essa pergunta depende de uma outra questão prévia: o que é uma língua? Nossas culturas ocidentais ou ocidentalizadas nos habituaram a pensar em *língua* como uma entidade perfeitamente delimitada, facilmente reconhecível, dotada de uma “índole” e de uma “personalidade” próprias, a ponto de empregarmos o termo *língua* como sujeito de afirmações do tipo “a língua não permite tal uso”, “a língua exige que se diga assim”, “a língua se impôs no território” etc. Ora, quem de fato permite, exige e impõe o que quer que seja são os *falantes* das línguas, seres sociais e políticos, eles sim dotados de vontade e poder de ação. No entanto, por efeito das ideologias e dos mecanismos de controle social, a língua se tornou um construto cultural ou, mais precisamente, uma *hipóstase*, isto é, “equivoco cognitivo que se caracteriza pela atribuição de existência concreta e objetiva (existência substancial) a uma realidade fictícia, abstrata ou meramente restrita à incorporalidade do pensamento humano” (Dicionário *Houaiss*).

Essa língua hipostasiada é objeto de grande *investimento* para que se preserve sua função de instrumento de controle social para a qual foi designada. Sistema escolar, legislação própria, normatização por meio de gramáticas e dicionários, proibição de outras línguas são as principais agências desse investimento.

Entretanto, a realidade linguística de qualquer sociedade comprova que *a língua*, precisamente por ser uma hipóstase, não existe: o que existe, sim, são *variedades linguísticas* que, com maior ou menor dificuldade, podemos vincular a um mesmo *polissistema*, inevitavelmente heterogêneo e mutante. Quando ampliamos o foco da investigação para além de um território nacional, das fronteiras de um Estado soberano, o que encontramos já não são variedades de

1 Disponível em: <<http://blip.tv/galiza-contrainfo/entre-l%C3%ADnguas-2009-legendado-em-portugu%C3%A9s-5778143>>.

2 Universidade de Brasília.

uma “mesma” língua, mas sim *contínuos dialetais*, onde as supostas distinções entre as línguas se perdem sob o peso das dinâmicas sociais comunitárias, familiares etc. Uma exploração linguística que partisse de Lisboa e seguisse até o extremo sul da Itália, atravessando Espanha e França, mostraria a fluidez do contínuo dialetal românico, no qual dois pontos contíguos, como as duas margens do rio Minho, nos fazem perguntar, de novo, onde termina o galego e onde começa o português.

O documentário *Entre Línguas*³ é um registro audiovisual dessa realidade fluida e instável que escapa da esfera de controle das línguas hipostasiadas. Nele ouvimos e vemos pessoas que, vivendo em território de soberania espanhola, se expressam em falas que se distanciam tanto do que é o *espanhol* ou *castelhano* oficial, normatizado, quanto do *português* institucionalizado. A mescla é inevitável, mas nem por isso devemos supor que se trata de um caso particular, de uma raridade cultural. Se o que existe são contínuos dialetais, o traçado político das fronteiras incide poderosamente sobre o imaginário dos falantes, mas nem por isso a já mencionada fluidez desaparece da vida cotidiana. A situação ibérica exibida no filme se repete na América do Sul: no território uruguaio abaixo da fronteira com o Brasil, o português é empregado por milhares de cidadãos do Uruguai, assim como na província argentina de Corrientes. De fato, em todas as zonas limítrofes do Brasil com países de língua oficial espanhola se encontra o fenômeno pejorativamente designado como *portunhol*, isto é, falas em que elementos das duas línguas se integram e se entrelaçam.

Os realizadores do documentário concluem: “O português, em contacto com o espanhol sobreposto, costuma dar origem a histórias e falas bem familiares aos ouvidos galegos, por mais longe que se encontre da Galiza”. No entanto, parece mais justificável, do ponto de vista dialetológico, considerar que não se trata de galego, nem de português, nem de espanhol – uma vez que esses rótulos remetem a hipóstases socioculturais e políticas –, mas sim de variedades pontuais de um mesmo contínuo dialetal ibérico, do qual certamente também participa o leonês, embora não mencionado no filme. Não custa recordar, por fim, que Ferdinand de Saussure, na obra fundadora da linguística moderna, já dizia que o português e o holandês só têm estatuto de *línguas* por razões políticas: se Portugal e Holanda não fossem países independentes, o português seria considerado um mero dialeto do espanhol, assim como o holandês, um dialeto do alemão.

3 O documentário em questão pode ser visualizado online pelo You tube (<http://www.youtube.com/watch?v=cZuBU3txXdo>), pelo blog Blip (<http://blip.tv/galiza-contrainfo>) ou pelo Facebook (<http://www.facebook.com/media/set/?set=a.101016683269082.2122.100000822529056&type=3>).